

O “guerreiro da trincheira”: a masculinidade em Tempestades de Aço, de Ernst Jünger

The “trench warrior”: masculinity in *Storm of Steel*, by Ernst Jünger

Luis Guilherme Eschenazi Lucena*

Resumo

O presente trabalho aborda algumas consequências da Primeira Guerra Mundial na Alemanha, sobretudo a continuidade de seus efeitos em grupos mais à direita do espectro político, no período da República de Weimar. Para isso mobilizamos a obra *Tempestades de Aço*, de Ernst Jünger. Argumento que há em Jünger uma sobreposição de referências românticas e modernas na busca por fornecer algum tipo de sentido à Alemanha Pós-guerra. Esta sobreposição reflete-se de forma direta na representação da masculinidade, mobilizada como veículo de resposta ao caráter inefável dos tempos modernos.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Masculinidade; Ernst Jünger

Abstract

The paper approaches some consequences of First World War in Germany, mainly the continuity of its effects in groups of the right political spectrum, during Weimar Republic. For that, we mobilized the work *Storm of Steel*, by Ernst Jünger. My argument is that exists in Jünger an overlap of romantic and modern references in the quest to provide some meaning for post-war Germany. This overlap is reflected directly in the representation of masculinity, mobilized as a vehicle in response to the ineffable character of modern times.

Keywords: First World War; Masculinity; Ernst Jünger.

* E-mail: eschenazihist@gmail.com

Como Richard Bessel notou, o período entre a queda do II Reich e a ascensão do Nacional Socialismo na Alemanha, conhecido como República de Weimar (1919-1933), nunca se consumou como uma “sociedade pacífica”. Os tempos de paz eram entendidos à época como aqueles prévios ao começo da Primeira Guerra em julho de 1914. Weimar teria permanecido até seu fim como uma “sociedade pós-guerra”, cabendo aos efeitos do conflito, em muitos sentidos, o papel central das discussões que tomaram curso no país (BESSEL, 1993, p.282). Tal entendimento talvez possa ser resumido em trecho de uma carta enviada por Ernst Jünger a seu irmão em 1928: “*Wir müssen uns [...] bemühen, die literarische Tätigkeit als Kriegsmittel zu betrachten*” (Apud ACKERMAN, 2017, p.3)¹.

O caso alemão na Primeira Guerra (1914-1918) foi profundamente marcado pelo fato de a guerra ter sido combatida em solo estrangeiro. A derrota externa facilitou a recusa alemã em sua aceitação, assim como possibilitou o surgimento da ideia do conflito ter sido lutado em caráter defensivo, estando esta concepção presente nos discursos dos mais altos oficiais alemães². Para Stéphane Audoin-Rouzeau e Annete Becker, a incompreensão da derrota também aparecia suprimida de formas literais, como evidenciado por sua ausência nos manuais escolares alemães durante o pós-guerra (AUDOIN-ROUZEAU e BECKER, 2002, p. 169). Já para Anton Kaes, a negação da derrota pode ser analisada a partir de uma estrutura do trauma, sendo seu caráter repressivo e latente a marca do inconsciente de Weimar (KAES, 2009, p. 2). Nesse sentido, pode-se dizer que a Alemanha, ainda que desmobilizada militarmente³, não se desmobilizou culturalmente, sendo sua cultura de guerra⁴ cultivada nos anos da República.

O recorrente retorno à temática da Guerra nos anos posteriores ao seu acontecimento marcou a impossibilidade de alguns setores sociais de lidar com a derrota. Seu deslocamento aos meios literários, como explicitado no trecho acima, conflui com o fato de que parte substancial dos legados do conflito esteve relacionada justamente à forma que este foi experienciado e representado. Como explicitado por Silvia Correia, “a experiência de guerra transportou o culto da memória para um nível de produção e consumo de massa.” (CORREIA, 2015, p.39).

Walter Benjamin, em seu ensaio “*Der Erzähler*”, de 1936, ao debruçar-se sobre as representações nas obras produzidas durante o *boom* dos romances de guerra alemão – ocorrido, sobretudo, a partir da publicação de *Nada de novo no Front* (1928), de Erich M.

¹ Tradução nossa: “Temos que fazer um esforço de considerar a atividade literária como uma arma de guerra”.

² Em novembro de 1918, Paul von Hindenburg, então comandante do Exército alemão, em comunicado às tropas, escreveu “Vocês mantiveram os inimigos longe de nossas fronteiras e salvaram seu país dos infortúnios e desastres da guerra ... Orgulhosos e com nossas cabeças levantadas, trouxemos ao fim a luta em que nos defendemos por quatro anos contra um mundo cheio de inimigos” (Apud AUDOIN-ROUZEAU e BECKER 2002 p. 168).

³ Parte das forças desmobilizadas, ao se organizar nos *Freikorps* foram utilizadas como auxiliares do reduzido exército alemão no combate às forças revolucionárias. Ver GERWARTH, R. e HORNE, J. War in Peace: Paramilitary Violence in Europe after the Great War. Oxford: Oxford University Press, 2012.

⁴ Entendemos cultura de guerra como um corpo de representações da Grande Guerra que se encontravam cristalizadas em um sistema que forneceu ao conflito seu significado profundo (WINTER e PROST, 2005 p. 105.).

Remarque – classificou a guerra mecanizada como uma espécie de “refutadora de experiências”: *Hatte man nicht bei Kriegsende bemerkt, daß die Leute verstummt aus dem Felde kamen? nicht reicher - ärmer an mitteilbarer Erfahrung*⁵. Para Benjamin, ainda que narrada em demasia, os escritos pareciam mais repetir uns aos outros do que apresentar descrições novas sobre a Grande Guerra. Nesse sentido, a incapacidade de parte dos indivíduos envolvidos no conflito em formular e se expressar sobre sentimentos e acontecimentos relacionados às trincheiras, dando sentido e significado aos eventos, teria criado uma ausência de narrativas que fizessem com que a própria experiência⁶ coubesse na história de vida dos seus agentes. Representar a Guerra, como ressaltou Jay Winter, configurava-se como uma espécie de trabalho de Sísifo: impossível, mas inevitável (WINTER, 2017, p.172).

Assim, a representação⁷ tornou-se o espaço por excelência onde os efeitos do conflito eram sentidos. Em muitos casos, mais do que o espaço de reverberação, as representações eram o espaço mesmo da continuidade, se não do conflito em si, de uma concepção do que havia sido a guerra. Mobilizados por determinados grupos, sobretudo aquele conhecido como “Revolucionários Conservadores”, novos juízos do que havia sido a experiência da guerra passaram a ser desenhados. Esses entendimentos se configuraram não somente como respostas a uma certa ruptura criada pela Guerra, mas também às questões políticas próprias de Weimar.

Dentro das representações da guerra, vamos nos debruçar sobre a questão do gênero, mais especificamente da masculinidade. A derrota e a experiência da guerra moderna também significaram um choque profundo à masculinidade militarizada que se formava na Alemanha desde finais do século XIX. A guerra era vista como evento que marcaria a primazia do modelo militarista e afastaria de vez uma possível emasculação dos homens e de seu papel social, visto como ameaçado frente ao aumento dos movimentos pelos direitos femininos e uma maior percepção de indivíduos homossexuais tanto na sociedade alemã quanto dentro do exército⁸. A própria condição totalizante do conflito⁹ e a eliminação de fronteiras claras entre a frente de batalha e a retaguarda, somados ao potencial destrutivo da guerra moderna e a posição da nova

⁵ Tradução nossa: “Não se notou que ao final da guerra os homens voltaram dos campos de batalha completamente mudos? Não mais ricos em experiência, mas mais pobres em experiências compartilháveis?”

⁶ Benjamin compreende a experiência como um processo cumulativo de aprendizagem ou a integração de eventos à um todo narrativo inteligível (BURES, 2020, p.10).

⁷ Seguimos o entendimento de Roger Chartier sobre o conceito. Este entende as representações como um esquema das “classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço. Ver CHARTIER, Roger A História Cultural: entre práticas e representações. Algés: Difel, 1998. p. 27.

⁸ ver FUNCK, Marcus. Ready for War? Conceptions of Military Manliness in the Prusso-German Officer Corps before the First World War (p. 44-67) in HAGEMANN, Karen e SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie (Org.) Home/Front: The Military, War and Gender in Twentieth-Century Germany. Oxford: Berg, 2002.

⁹ Antonio Paulo Duarte (2005) definiu Guerra Total como “a mobilização total das nações para o esforço de guerra, mobilização não só militar, mas também tecnológica, industrial, intelectual e mediática. Ela caracterizava a massificação, não só humana, mas fundamentalmente material, característica da guerra nas sociedades industriais”. Outros estudos lidaram com a Guerra Total a partir de outros eixos. Para uma abordagem mais ampla, ver o trabalho de Roger Chickering e Stig Förster *The Shadows of Total War: Europe, East Asia and the United States, 1919-1939*.

mulher alemã – marcada pela obtenção do direito ao voto em 1918 –, auxiliaram questionamentos profundos sobre a condição masculina nos anos que se seguiram.

Neste trabalho vamos analisar como a questão da masculinidade foi representada em uma das primeiras obras literárias a abordar a temática da Primeira Guerra Mundial na Alemanha, o livro *Tempestades de Aço*, de Ernst Jünger. Figura de destaque no meio literário de Weimar, Jünger tornou-se representante do que se entende como literatura militarista alemã. Para Bernd Hüppauf, essa literatura era caracterizada pela ausência de qualquer confiabilidade tanto no presente quanto no futuro, assim como uma inabilidade de encarar a própria realidade, fazendo-os retroagir a um passado idealizado. A violência e a visão militante de mundo configurariam-se, então, como uma resposta a perda da confiança, antecipando um período de luta (HÜPPAUF, 2014, p.3). Argumentamos neste trabalho que, pelo menos na primeira obra de Jünger a mobilizar a temática da guerra, existe uma busca pela compreensão do mundo que não abandona totalmente o passado, mas entende a necessidade de adaptação à realidade dos tempos modernos apresentados pelo conflito. Esta visão se evidencia na própria representação da masculinidade na obra. Nesse sentido, em *Tempestades de Aço*, a figura do homem soldado encontra-se em um entre lugar entre o passado e o futuro. Entre o herói idealizado e o homem que precisa transformar-se para responder às demandas de um mundo em chamas.

Ernst Jünger e o Conservadorismo Revolucionário

Nascido em 1895, na cidade de Heidelberg, filho da classe média alemã, Jünger esteve entre os soldados profissionais forjados pela Grande Guerra. Em 1913, fugiu de sua casa para se juntar à Legião Estrangeira Francesa na Argélia, tendo se alistado no exército alemão em primeiro de agosto de 1914, aos 19 anos. Entrou em ação, pela primeira vez, em 27 de dezembro do mesmo ano, deixando o conflito apenas em 1918, quando feriu-se com mais gravidade, sendo o mais jovem ganhador do *Pour le Mérite*, mais alta condecoração prussiana atribuída durante a guerra. Ainda pouco conhecido no Brasil, a obra aqui abordada é considerada umas das principais produções literárias que trataram da temática da Grande Guerra nos anos 1920 e 1930, sendo Jünger, segundo Norbert Elias (ELIAS, 1997, p.193), o autor que contrapunha os escritos pacifistas de Remarque em *Nada de Novo no Front* (1928). Diferentemente de Remarque, cuja obra aqui citada constituía-se em um comentário sobre a mentalidade pós-Guerra (EKSTEINS, 1980, p.358), Jünger tinha como suposto objetivo compartilhar suas próprias memórias do conflito.

Em relação a obra em si, sua primeira edição foi lançada ainda em 1920. Sendo classificada como um livro de memórias, *Tempestades de Aço* precedeu em quase 10 anos o *boom* de escritos, filmes e peças que abordavam a temática militar na Alemanha (EKSTEINS, 1980, p.345). A primeira impressão do livro teve apenas duas mil cópias, tendo como público alvo veteranos e ex-membros do regimento de Jünger, sendo editado de forma que seu elemento diarístico ficasse em evidência. Este componente passou por algumas supressões nas outras edições da obra, ainda que nunca tenha deixado de existir. Seu primeiro título nos dá pistas de

seu público alvo: *Em Tempestades de Aço: dos diários de um Comandante das Tropas de Choque, Ernst Jünger, Voluntário de Guerra e subsequentemente Tenente no Regimento de Rifles do Príncipe Albrecht da Prússia (73º Regimento Hanoveriano)*. Posteriormente, Jünger foi chamado para publicar pela editora *Mittler & Son*, onde publicou mais sete livros entre 1922 e 1932.

Ao todo, *Tempestades de Aço* teve oito edições, mas com alterações significativas em apenas duas. Sua primeira edição nada mais era que o diário publicado de forma integral. Após a ida de Jünger para a nova editora em 1922, a obra foi relançada. Para a edição de 1924, o livro foi reescrito em sua totalidade, adquirindo um viés ultranacionalista, o que dificultou parcialmente suas vendas no exterior, mas que, em contrapartida, dialogava como a realidade em que o autor estava inserido. A segunda profunda modificação foi feita para a edição de 1934, onde Jünger, já mais maduro, retirou as partes mais violentas e nacionalistas da obra, talvez em decorrência da crescente violência dos anos do Nacional Socialismo, adicionando uma homenagem de caráter transnacional: “Aos caídos”. Foi justamente nos anos 1930 que as vendas da obra aumentaram exponencialmente, alcançando a marca de 250 mil cópias vendidas em 1945 (WOODS, 2006, p.126).

Jünger foi apenas um entre milhões de soldados alemães que, ao retornarem do conflito, encontraram uma sociedade faminta e empobrecida, vivendo à beira de um colapso político e social. Para Eric Weitz, não à toa estes homens viam na luta armada contra grupos revolucionários uma forma de continuar defendendo seu país, idealizando o combate masculino como uma forma de ação política ao “glorificar a guerra e o combate nas trincheiras, buscando continuamente recriar o sentimento de solidariedade entre os homens em batalha, acompanhada de arraigado e quase mitológico medo e ódio às mulheres” (WEITZ, 2018, p.35). Todavia, a *Frontgeneration*, como enfatiza Bessel, pode ter sido ampla demais para ser contida em apenas uma referência política. A bem da verdade, a maior parte dos retornados da Guerra conseguiram se encaixar na sociedade civil e se ajustar à vida “normal” (BESSEL, 1993, p.258).

Jünger esteve entre os sobreviventes que optaram pela mobilização contínua. Durante os anos de Weimar, compôs um movimento político e cultural chamado de “Revolução Conservadora”, servindo como uma espécie de “vanguarda intelectual da direita” (STRUVE, 1973, p.227). Composto por acadêmicos, jornalistas, escritores e políticos do período, dedicavam-se a produzir manifestos, ficções e diários com um viés nacionalista radical e contendo debates acerca do futuro político alemão. Para Jeffrey Herf, este grupo pode ser classificado como “modernista reacionário”, pois uniam o romantismo anticapitalista oitocentista do conservadorismo alemão à ideia de uma nação unida e avançada com as tecnologias do mundo moderno no século XX (HERF, 1984, p.1).

Dentro deste movimento, Jünger fez parte da ala conhecida como “novos nacionalistas”. Segundo Roger Woods, este subgrupo tinha como objetivo mais central levar adiante os valores e estruturas militares para a sociedade saída do conflito (WOODS, 2006, p.125), baseando-se no mito da camaradagem das trincheiras como forma ideal de reconstrução de uma sociedade partida. Este movimento também esteve ligado às associações de veteranos de guerra, como a

Stahlhelm, grupo paramilitar de extrema direita fundado ainda em 1918, que chegou a constituir em 1929 o braço armado do *DNVP (Deutschnationale Volkspartei)*, o Partido Popular Nacional Alemão. Jünger esteve à frente do jornal interno desta associação, destinado aos 300 mil membros que a compunham, com circulação de 150 mil exemplares¹⁰.

De toda forma, a permanência do conflito, fosse latente ou explícita, na sociedade alemã do pós-guerra levou à formação de grupos identitários que se baseavam, pelo menos em parte, em determinadas padronizações da experiência de guerra. Entretanto, discordamos da avaliação polarizadora de Elias entre o pacifismo de Remarque e uma suposta visão puramente positiva que Jünger teria do conflito. Este pensamento tende a reduzir as dicotomias que são próprias do pensamento de Jünger nos anos 1920, sendo a própria antítese a essência não só de sua obra, mas também de quase todos os Conservadores Revolucionários (WOODS, 1996, p. 20).

Em Jünger, os posicionamentos antitéticos, como demonstra Woods, dispõem-se em torno da discussão sobre o sentido dos eventos, questão muito recorrente nas produções culturais da época (NATTER, 1999, p.16). Para Woods, as reflexões em Jünger acabam sendo preteridas pelo instinto. A morte em massa, e por isso desprovida de sentido, é retrabalhada de forma que possa ter um significado profundo. Para Andreas Huyssen, isso decorre da experiência estilhaçada da Guerra, essencialmente incompleta ao não se alcançar os objetivos que, em tese, justificariam sua existência (HUYSEN, 1993, p.10). Esse sentimento de incompletude se evidencia em um dos prefácios da obra: *Noch wuchtet der Schatten des Ungeheuren über uns. Der gewaltigste der Kriege ist uns noch zu nahe, als daß wir ihn ganz überblicken, geschweige denn seinen Geist sichtbar auskristallisieren können* (JÜNGER, 1922, p.1)¹¹.

Em decorrência da incongruência de seu tempo, Jünger passa a tentar dar sentido a nova realidade a partir da mobilização de temáticas muito próprias do meio bélico. A derrota no conflito, entendida como um fracasso moral, proporcionou uma entronização da experiência da guerra nos corpos masculinos. Neste sentido, todos os atributos morais atrelados à masculinidade tornam-se fins em si, sendo a masculinidade o próprio elemento fornecedor de significado à luta dos homens (WOODS, 2006, p.134). Evidencia-se, portanto, a necessidade de se analisar a disposição dos atributos masculinos em sua obra.

¹⁰ Ainda que com grande número de adeptos, os *Freikorps* não podem ser tomados como os representantes por excelência dos veteranos de guerra, o que conformaria a imagem de milhões de homens uniformizados controlando a política de Weimar, algo que, caso fosse real, só surgiria ao final dos anos da República. Pesa contra esta noção o fato da maior organização política de veteranos na Alemanha, a *Reichsbund der Kriegsbeschädigten, Kriegsteilnehmer und Kriegshinterbliebenen* (União do Reich dos Inválidos, Participantes e Sobreviventes da Guerra), ter sido fundada por homens ligados aos Social Democratas. Assim, a *Frontgeneration* deve ser entendida menos como uma construção social e mais como uma construção ideológica, cujas pautas respondiam a mobilizações políticas voltada à realidade social e econômica de Weimar (BESSEL, 1993, 282).

¹¹ Tradução nossa: “A sombra do monstro ainda paira sobre nós. A mais poderosa das guerras ainda está muito perto para que possamos negligencia-la completamente, e muito menos para cristalizar claramente seu espírito”.

A masculinidade em *Tempestades de Aço*

Entendemos a masculinidade moderna a partir da leitura de John Tosh. Para ele, a masculinidade pode ser compreendida como possuidora um viés bidimensional: uma psíquica, completamente integralizada à própria subjetividade dos indivíduos e que se forma desde a infância; e outra social, que busca de forma constante o reconhecimento de seus pares. É, segundo Tosh, a desconfortável relação entre as duas dimensões que auxilia a masculinidade a conformar experiências e ações de seus participantes (TOSH, 1994, p.198). A capacidade da masculinidade de agir sobre o Outro, sejam outras masculinidades vistas como não hegemônicas, ou um outro feminino se dá pela presença visual e literária de suas representações nos meios culturais (TOSH, 1994, p.197)¹².

A visão de Tosh enfatiza a capacidade de entender a masculinidade como algo muito mais plural e versátil do que em algumas outras interpretações¹³. Nesse sentido, Tosh se opõe a uma perspectiva que entende a masculinidade como um repositório de estereótipos nos quais é possível encaixar ou não os sujeitos históricos. Em contrapartida, ela não nos informa muito bem sobre a existência de determinados modelos masculinos que se encontram dispostos nas sociedades em diferentes espaços e tempos, e que são mais socialmente aceitos em determinados contextos históricos.

A partir destas colocações, buscamos compreender as qualificações masculinas dispostas em Jünger a partir do conceito de masculinidade hegemônica, de R. W. Connel e James Messerschmidt. Por masculinidade hegemônica, ambos entendem um padrão de práticas e expectativas – portanto, ligado a representações e usos dos corpos masculinos - que, por via de regra, legitima a desigualdade nas relações entre os próprios homens e também as mulheres (CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Estatisticamente, esta masculinidade não se mostra abundante, sendo contemplada apenas por uma minoria, funcionando, portanto, como um modelo a ser almejado, exigindo o posicionamento dos homens em relação a ela. Para Connell e Messerschmidt, as masculinidades hegemônicas expressam, em diversos sentidos, fantasias, ideias e desejos difundidos. Oferecem modelos de relação com o sexo feminino e respostas a problemas das relações de gênero. Também se articulam com a configuração prática das masculinidades como formas de viver situações cotidianas (CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253). Entendemos que a masculinidade hegemônica se altera ao longo do tempo, possuindo uma dinâmica própria. Ela também não se auto reproduz, precisa ser sustentada a partir do policiamento de todos os indivíduos que compõem a masculinidade, ao mesmo tempo em que ela se mostra incapaz de apagar os sujeitos, tendo em vista a multidimensionalidade das relações de gênero.

¹² "By 'culture' here I don't of course mean the explicit and self-conscious culture of manliness, but rather the contingent and contradictory meanings inscribed in the culture at large, where gendered distinctions abound in popular forms, ranging from missionary magazines through travel writing and adventure fiction to popular ballad and music hall." (TOSH, 1994, 197).

¹³ Ver MOSSE, George L. The image of man: the creation of modern masculinity. New York: Oxford University Press, 1996.

Por último, também entendemos que a masculinidade hegemônica não só é construída no discurso, como também é mobilizada pelos discursos, estando relacionada a formas particulares de representação e uso dos corpos dos homens. A partir disso, nossa análise volta-se ao que Connell e Messerschmidt chamaram de nível regional. Este nível corresponde a um sentido de realidade masculina a nível societal, operando, portanto, no domínio cultural e construídas a nível de estado-nação (CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

Ao se analisar a questão masculina ao final do XIX e XX em nosso recorte espacial, é inegável a presença de uma série de atributos militaristas à masculinidade dominante. No caso alemão, a formação tardia do Estado, a influência exercida pelas camadas militares, porta vozes da guerra como força histórica (KRIMMER, 2010, p.65), associaram de forma profunda a figura masculina bélica à visão estatal. Como argumenta Joane Nagel, o fato de o nacionalismo oitocentista ser estritamente ligado às instituições, e essas serem dominadas majoritariamente por homens, foi o fator que aproximou ideias nacionalistas e militaristas a um determinado tipo de masculinidade, concluindo sua hegemonia a partir de ferramentas estatais. Neste sentido, o nacionalismo, ou qualquer outra ideologia, não teria cooptado a masculinidade, mas sim se construído para enfatizar e ressoar certos temas culturais masculinos. (NAGEL, 1998, p.247).

A defesa da masculinidade, tornou-se parte integrante da atmosfera alemã ao final dos oitocentos, sendo a própria representação da nação ligada às imagens masculinas que atendiam um padrão de beleza socialmente aceito. Tal movimento criou uma espécie de masculinidade militante previamente aos eventos de 1914, que alimentou o exército alemão de soldados de forma considerável no começo do conflito. A guerra era vista por determinados grupos românticos como a forma ideal de criar um “Novo Homem”, combatendo a tirania e a hipocrisia das classes burguesas – ainda que isto incorresse em certa contradição – e valorizando os elementos formativos da masculinidade hegemônica vigente, como o patriotismo; a força física; a coragem; a modéstia; as proporções harmoniosas do corpo; o autocontrole; a justeza em sua vida diária, em combate e nos esportes; o cavalheirismo em relação às mulheres e a valorização da natureza da nação (MOSSE, 1990, p.60). A Primeira Guerra Mundial configurou-se, portanto, como o auge de um ideal de masculinidade em sua caracterização guerreira, adicionando um endurecimento nas características atribuídas ao padrão hegemônico, como uma espécie de “militarização da virilidade” (AUDOIN-ROUZEAU, 2013, p.239), dando maior ênfase à coragem, ao sacrifício, à camaradagem, à virilidade e jovialidade.

Como argumenta Andrew Donson, ainda nos anos anteriores à guerra, a literatura mostrou-se veículo difusor do nacionalismo e militarismo entre a juventude, sobretudo a partir de 1908, com a suspensão do banimento de assuntos políticos em publicações infantis (DONSON, 2004, p.583). Segundo David Prickett, a mobilização da figura do soldado como um guerreiro ideal já era visível na Alemanha desde o século XIX. Em sua interpretação, mais do que tema, o soldado seria o próprio veículo da narrativa, sendo então uma espécie de significante vazio sobre o qual despejava-se a tarefa de carregar da masculinidade. Sua imagem podia ser usada tanto para desafiar visões normativas burguesas do que significava ser um homem, como também para desenvolver novos modos de masculinidade. Assim, no começo do século XX, a figura do

soldado alemão era muito mais plástica do que fixa, podendo ser mobilizada e preenchida de acordo com as vontades do interlocutor (PRICKET, 2008, p.68).

Neste sentido, podemos supor que Jünger, ele próprio um membro das camadas médias letradas, durante sua juventude, esteve à mercê da literatura nacionalista e *völkish*¹⁴. Essas, ao prezarem por temáticas militares e aventurescas, definiam de forma muito clara o que significava ser um “homem”, transmitindo igualmente a ideia de que a masculinidade era algo a ser conquistado, e não dado (LEVSEN, 2008, p.149).

As relações explicitadas acima ressoam a ideia de Winter sobre as representações do conflito durante e após o mesmo. Para ele, ainda que guerra fosse combatida a partir dos alcances técnicos e científicos da modernidade, as referências mobilizadas em suas representações não o eram. Para o historiador, “ficções, memórias, contos e peças revelam a riqueza de evidências de como os motivos de mobilização da guerra e de suas imagens derivavam das tradições clássicas, românticas e religiosas da literatura europeia” (WINTER, 1995, p.178). Ideia essa corroborada por Herf, ao afirmar que, em Jünger, os temas românticos, como a morte e a transformação, são posicionados a partir de contextos modernos (HERF, 1984, p.75).

No caso de Jünger, entendemos que a própria guerra e a mecanização são os elementos sobrepostos a uma concepção prévia, ligada, sobretudo, a uma tradição gótica romântica (FUSSEL, 2013, p.213). A guerra passava então a assumir a forma de um ritual de renascimento e transfiguração, produzindo, ao seu final, o homem com “formas de aço” (HERF, 1984, p.75). Essa relação, quase antagônica, esteve presente na bibliografia de Jünger localizada durante a República de Weimar de forma muito clara, seja nas questões temáticas, como também nas caracterizações masculinas, não sendo possível traçar de forma tão explícita suas fronteiras.

Nosso ponto aqui é demonstrar como essa ambivalência de representações, desenvolvida por Jünger ao longo dos anos 1920, já estava posta, ainda que talvez de forma não tão clara, em *Tempestades de Aço*. Algumas caracterizações e temáticas sobre a masculinidade já são muito evidentes desde o começo, como no caso da camaradagem. Este ponto assume uma função crucial em Jünger, visto seu desejo de aplicação dos valores da camaradagem à realidade de Weimar no pós-guerra (WOODS, 2006, p. 125).

A camaradagem surge em Jünger ainda nas primeiras páginas de seu diário: *Relations between the men were very cordial. It was here that I made close friendships, which were to stand the test of many battlefields* (JÜNGER, 2004, p. 18)¹⁵. Ao longo do livro, a relação estabelecida

¹⁴ Vale ressaltar neste ponto que a tradução da palavra “*Volk*” para a língua portuguesa seria “povo”. Todavia, quando falamos do Movimento *Völkish*, “*Volk*” assume um significado de uma união de grupos de pessoas que dividiriam uma mesma “essência” transcendental. Segundo Mosse (1964, p.4), esta essência era retratada nas obras românticas muitas vezes como “natureza”, “cosmos” ou “mythos”, mas sempre demonstrada como algo fundido à essência natural dos homens, sendo descrita como a origem de seus mais profundos sentimentos, sua criatividade, sua individualidade e sua unidade com os outros membros do *Volk*.

¹⁵ Na análise dos trechos, optamos por usar a tradução inglesa de Michael Hoffman (2003). Além de premiada, teve como base a edição de 1934 da obra, com maior presença de traços literários e menos nacionalista que as anteriores. Tradução nossa: “As relações entre os homens eram

entre os homens é sempre representada a partir de características de bravura, sangue frio, carinho e amizade, como a preocupação com o companheiro vizinho durante um ataque: *from time to time, they checked to left and right to see whether we still in contact, and they smiled when their eyes encountered those of comrades* (JÜNGER, 2004, p. 28)¹⁶. O uso do termo “camarada” também se mostra de forma subsequente em determinadas partes, enfatizando o laço estabelecido entre os homens em combate.

Nos chama a atenção o fato de que as menções de Jünger à sua família não se apresentam, como se esperaria, nas passagens onde marca-se o retorno ao mundo civil em seus momentos de dispensa. Pelo contrário, Jünger encontra seus irmãos apenas na frente de batalha, mencionando a figura materna como um papel que ele próprio exerceria em relação a seus irmãos (JÜNGER, 2004, p. 165). No lugar da família durante as dispensas, surgem as imagens da nação, mas não como “*an empty thought veiled in symbols*”¹⁷(JÜNGER, 1996, 316), mas “*eminently worth our blood and our lives*”¹⁸ (JÜNGER, 2004, p. 33). Entendemos que esse deslocamento faz com que Jünger torne-se, ou pelo menos se veja, um filho de sua nação, sendo sua “família” composta pelos próprios camaradas nas trincheiras, marcando por vez esse afastamento da vida civil, descrita por Jünger com uma espécie de inocência: *On the way to the station, three girls in light dresses swayed past me, clutching tennis racquets – a shinning last image of that sort of life* (JÜNGER, 2004, p. 89)¹⁹.

A experiência comunal do conflito, como argumenta Mosse, possibilitava aos homens uma abordagem transcendental da morte em massa (MOSSE, 1990, p. 65), partindo de uma visão, muitas vezes, puramente idealizada. Para Jünger, as mortes não haviam sido em vão, “*each one fulfilled his own resolve*”²⁰ (JÜNGER, 1996, 317). Ao final da Grande Guerra, a visão positiva sobre a camaradagem derivava de uma vontade de pertencimento a uma comunidade significativa no mundo moderno, resultado de uma espécie de isolamento gerado com a modernidade (MOSSE, 1990, p.5). Para Herf, Jünger enfatizava a dissolução do eu em detrimento da comunidade dos homens. O soldado individual, ao se dissolver na camaradagem, encontraria uma ligação simbiótica na comunidade masculina, sendo essa relação um tesouro achado nas trincheiras da guerra (HERF, 1984, p.75). Seria justamente esse tipo de experiência transcendental que validaria a camaradagem como modelo político em Weimar. Neste sentido, seguindo o argumento de Oliver Kohns (KOHNS, 2013, p.142), a representação da camaradagem em *Tempestades de Aço* parece assumir muito mais a intenção de reconstruir a disposição do gênero masculino na sociedade do pós-guerra, do que em estabelecer uma estética da guerra. A comunidade masculina, ou a camaradagem, demonstra esse “entre lugar”

muito cordiais. Foi aqui que fiz amizades íntimas, que resistiram ao teste de muitos campos de batalha”

¹⁶ Tradução nossa: “de vez em quando, eles checavam para a esquerda e para a direita para ver se ainda estávamos em contato, e sorriam quando seus olhos encontravam os dos camaradas”.

¹⁷ Tradução nossa: “um pensamento vazio velado em símbolos”.

¹⁸ Tradução nossa: “válido eminentemente de nosso sangue e nossas vidas”.

¹⁹ Tradução nossa: “No caminho para a estação, três garotas em vestidos leves passaram por mim, segurando raquetes de tênis - uma última imagem brilhante desse tipo de vida”.

²⁰ Tradução nossa: “cada uma cumpriu sua própria determinação”.

do pensamento Jüngeriano. Ao mesmo tempo que sua formação remontaria a uma ligação muito próxima das ideias *volkish* e da formação de uma comunidade (*Gemeinschaft*) romântica, ela o faria a partir da dissolução do eu em relação ao coletivo, portanto, de uma rejeição do princípio da liberdade individual em detrimento da vida coletiva moderna (COELHO, 2017, P.252).

Outros temas relacionados à masculinidade aparecem mais comumente em seu aspecto romantizado, como o heroísmo e a coragem. Esses são encontrados mais comumente nos registros de alguns diálogos e reflexões nas trincheiras, como no caso do soldado que se preocupa mais em não poder lutar do que pelo fato de ter sido alvejado

'What Happened to you, comrade?'
'I've been shot in the bladder.'
'Is it very bad?'
'Oh, that's not the problem. I can't stand it that I can't fight...'
(JÜNGER, 2004, p. 32-33)²¹

A coragem também podia ser representada a partir da naturalização da guerra, chegando a violência a significar aconchego: *'Oh, if only there'd be a bit of bombardment so we could get some peace!' It's true too: a couple of heavy bombs only contribute to the overall feeling cosiness* (JÜNGER, 2004, p. 42)²².

Nos dois trechos, a coragem aparece a partir de uma posição passiva, como uma forma de aceitação da realidade do ferido, ou da constante possibilidade do ataque como uma forma de combater o tédio da normalidade. Também na obra a coragem aparece de forma ativa, sobretudo a partir de ações de escolha. Exemplo disso é descrição da figura do Tenente Brecht, cuja primeira caracterização é a de “amar o perigo”. Brecht havia voltado às pressas dos Estados Unidos no momento de deflagração da guerra, sendo, para Jünger, o homem ideal para comandar sua companhia (JÜNGER, 2004, p. 42). Em certo sentido, é possível que Jünger tente espelhar-se na figura do Tenente, tendo em vista algumas similaridades, como a ideia do retorno à terra natal para o engajamento na guerra. Talvez seja Brecht, portanto, e não Jünger, a figura representante da masculinidade hegemônica na obra.

A coragem também surge como tema na descrição das ações da companhia, como a escolha de permanência no ponto mais vulnerável da trincheira em detrimento das ordens de retirada (JÜNGER, 2004, p.52). Naturalmente, sua ênfase é maior nos trechos da obra onde os combates são mais intensos, como no capítulo “*Guillemont*”. A descrição da região já causa a surpresa pelo fato do autor ser um sobrevivente

When we dug foxholes, we realized that they were stacked in layers. One company after another, pressed together in the drumfire, had been mown down, then the bodies had been buried under showers of Earth

²¹ Tradução nossa: “– O que aconteceu com você, camarada?; – Eu levei um tiro na bexiga.; – Está muito ruim?; – Oh, esse não é o problema. Eu não suporto que eu não possa lutar ... ”.

²² Tradução nossa: “Ah, se houvesse um pouco de bombardeio para que pudéssemos ter um pouco de paz!” É verdade também: algumas bombas pesadas apenas contribuem para o sentimento geral de conforto”.

sent up by shells, and then the relief company had taken their predecessors' place. And now it was our turn (JÜNGER, 2004, p. 98)²³.

Frente ao horror, Jünger pode achar sua coragem em seus companheiros: *Now and then, by the light of a flare, I saw steel helmet by steel helmet [...] We might be crushed, but surely, we could not be conquered* (JÜNGER, 2004, p. 99)²⁴.

A coragem, bravura e excitação pelo conflito partiam de uma ideia da guerra como uma aventura, termo inclusive mobilizado por Jünger em determinados momentos da obra, sendo também o caráter aventureiro explicitado a partir da referência ao escritor de aventuras Karl May, durante uma ação de combate (JÜNGER, 2004, p. 70). Todos esses atributos conformavam a figura que Jünger chamou de “guerreiro da trincheira” (JÜNGER, 2004, p.50). Segundo Joanna Bourke, somados a certas formalidades e altruísmos, a imagem do guerreiro era representada a partir da ideia de cavalheirismo (BOURKE, 1999, p.46). Uma dessas situações em que esse entendimento se estabelece é na relação de Jünger com o inimigo

*Throughout the war, it was always my endeavour to view my opponent without animus, and to form an opinion of him as a man on the basis of the courage he showed. I would always try and seek him. But never did I entertain mean thoughts of him. When prisoners fell into my hands, later on, I felt responsible for their safety, and would always do everything in my power for them*²⁵ (JÜNGER, 2004, p. 58).

Como Bourke afirma, o mito do guerreiro raramente era vivido pelos soldados da Primeira Guerra Mundial. Os homens não estavam preparados para os horrores da guerra moderna: a habilidade dos combatentes de se imaginarem engajados em combates de honra não muito diferentes dos experienciados pelos cavaleiros do passado era crucial para seu senso de orgulho e prazer (BOURKE, 1999, p. 55). Ao mobilizarem determinados mitos e visões cavalheirescas, os combatentes podiam, segundo Bourke, invocar sentimentos de respeito e compaixão pelo inimigo sem deixarem de se comprometer com a guerra. Embora a frustração em relação ao combate moderno não fosse tão incomum, a imagem do cavaleiro permanecia como um referencial, “o cavalheirismo era evocado para sufocar o medo da violência sem sentido, a intimidade era substituída pelo anonimato confuso; a habilidade era imposta para afastar a monotonia entorpecente” (BOURKE, 1999, p. 56).

²³ O interessante da cena é que ela também foi recorrente dentro do movimento pacifista, sobretudo após a Guerra. Isso fica mais evidente no trabalho de Otto Dix, *Mahlzeit in der Sappe*, de 1924. Tradução nossa: Quando cavamos trincheiras, percebemos que elas estavam empilhadas em camadas. Uma companhia após a outra, pressionadas juntas no fogo de barragem, foram ceifadas, então os corpos foram enterrados sob as chuvas da Terra enviadas por projéteis, e então a companhia de socorro tomou o lugar de seus predecessores. E agora foi a nossa vez.

²⁴ Tradução nossa: “De vez em quando, à luz de um sinalizador, eu via os capacetes de aço lado a lado [...] Podemos ser esmagados, mas com certeza, não poderíamos ser conquistados”.

²⁵ Tradução nossa: “Ao longo da guerra, sempre busquei ver meu oponente sem ânimo, e formar uma opinião sobre ele como homem com base na coragem que demonstrou. Eu sempre tentaria procurá-lo. Mas nunca tive pensamentos maldosos sobre ele. Quando prisioneiros caíram em minhas mãos, mais tarde, me senti responsável por sua segurança, e sempre faria tudo ao meu alcance por eles”.

Além da figura romântica cavalheiresca representada de forma distorcida, outros elementos aparecem submetidos à mesma lógica, como a natureza. Extremamente associada ao nacionalismo no século XIX, como explanado por Anne-Marie Thiessen (THISSEN, 2000. p. 245), em Jünger ela passa a assumir uma condição parcialmente distinta. Isso não significa dizer que seu uso tradicional não seja evidente, como no trecho

At the sight of the Neckar slopes wreathed with flowering cherry trees, I had a Strong sense of having come home. What a beautiful country it was, and eminently worth our blood and our lives. Never before had I felt its charm so clearly. I had good and serious thoughts, and for the first time I sensed that this war was more than just a great adventure (JÜNGER, 2004, p. 33)²⁶.

Segundo Woods, Jünger também mobilizava elementos da natureza com o objetivo de criar uma interpretação positiva da destruição, estando presente no próprio título da obra. Para o autor, “as imagens naturais transmitem a ideia de que a guerra e o destino dos soldados nela são inescapáveis. O que é natural é inevitável ... e inevitabilidade fornece uma espécie de sentido” (WOODS, 2006, p. 130). Essa conexão da natureza e a guerra pode ser vista no trecho abaixo:

Rank weed climb up and through the barbed wire, symptomatic of a new and different type of flora taking root on the fallow fields. Wild flowers, of a sort the generally make only an occasional appearance in grain fields, dominate the scene; (...) Bird life thrives in such wilderness, partridges for instance, whose curious cries we often hear at night, or larks, whose choir starts up at first light over the trenches (JÜNGER, Ernst. 2004, p. 41)²⁷.

De acordo com Woods, o apelo de Jünger à tradição de um certo tipo de soldado, acentuado pelo vocabulário guerreiro e somado aos elementos naturais em consonância à guerra moderna, estabelece um enquadramento autoritário onde a morte dos soldados ganha sentido. A impessoalidade soldadesca transformaria a desolação da guerra, “fornecendo sentido ao que, em outros espaços, poderia ser visto como sofrimento fútil” (WOODS, 2006, p. 134).

A impessoalidade a qual Woods se refere está ligada aos atributos modernizadores da guerra mecanizada, da batalha de materiais (*Materialschlacht*), entendida por Jünger como símbolo de um novo mundo. É nesse momento que começamos a identificar uma sobreposição de caracterizações, onde o indivíduo se altera em decorrência da guerra, de modo que não seja abalado frente à nova configuração do evento

I saw in a steel helmet, and he straight away struck me as the denizen of a new and far harsher world ... The impassive features under the rim

²⁶ Tradução nossa: “Ao ver as encostas de Neckar enfeitadas com cerejeiras em flor, tive a forte sensação de ter voltado para casa. Que lindo país era, e eminentemente digno de nosso sangue e de nossas vidas. Nunca antes senti seu encanto tão claramente. Tive pensamentos bons e sérios e, pela primeira vez, senti que esta guerra era mais do que apenas uma grande aventura”.

²⁷ Tradução nossa: “A erva daninha sobe e atravessa o arame farpado, sintomática de um novo e diferente tipo de flora que se enraíza nos campos em pousio; (...) A vida dos pássaros prospera nessa natureza selvagem, como as perdizes, cujos gritos curiosos costumamos ouvir à noite, ou as cotovias, cujo coro começa à primeira luz sobre as trincheiras”.

of the steel helmet and the monotonous voice accompanied by the noise of the battle made a ghostly impression on us. A few days had put their stamp on the runner, who was to escort us into the realm of flame, setting him inexpressibly apart from us.

'If a man falls, he's left to lie. No one can help. No one knows if he'll return alive. Every day we're attacked, but they won't get through. Everyone knows this is about life and death.'

*Nothing was left in this voice but equanimity, apathy; fire had burned everything else out of it. It's men like that that you need for fighting.*²⁸
(JÜNGER, 2004, P.92)

O trecho acima introduz na narrativa um elemento simbólico crucial da direita radical de Weimar, o capacete de aço, *Stahlhelm*. Inserido na indumentária militar em 1916, substituiu os antigos capacetes imperiais, os *Pickelhaube*, feitos de couro envernizado, inúteis frente aos perigos da guerra moderna. O novo capacete passou a simbolizar o “guerreiro moderno”, nascido nas trincheiras e com os atributos necessários aos novos tempos, como a determinação, firmeza e vigor. Para Hüppauf, ele sintetizava não somente os homens em conflito, mas o próprio evento, ao representar uma visão mais técnica e funcional da guerra. Ao mesmo tempo, o capacete também se conectava à antiga imagem das armaduras medievais, portanto a uma visão romântica. A fusão do metal à carne, presente nas descrições do uso de tal objeto e própria da moderna tecnologia militar, somadas à mobilização de imagens que remetiam a um passado idealizado, tornavam a imagem do “guerreiro de Verdun” ideal ao “Novo Homem” (HÜPPAUF, 1988, p.90).

O fascínio de Jünger com o novo equipamento é visível ao ser mobilizado de forma recorrente ao longo da obra. Para ele, o capacete também simbolizava o sentimento de invulnerabilidade, bem como sua grande presença nas trincheiras remetia à temática da camaradagem: *Now and then, by the light of a flare, I saw steel helmet by steel helmet, blade by glinting blade, and I was overcome by a feeling of invulnerability. We might be crushed, but surely we could not be conquered.* (JÜNGER, 2004, p. 99)²⁹.

Jünger, em outras passagens, enfatiza o posicionamento do capacete em sua cabeça onde, ao cobrir a testa do soldado, chegava mesmo a atingir de forma central a própria subjetividade do indivíduo. Tal imagem também era mobilizada por grupos de extrema direita nos anos 1920, como o próprio *Stalhelm*, em seus cartazes de propaganda política. No geral, as imagens (figura 1), traziam a figura do soldado com rosto coberto pela sombra do capacete, ocupando a maior parte da tela, sendo destacado por contornos bem marcados contra um fundo

²⁸ Tradução nossa: “Eu vi em um capacete de aço, e ele imediatamente me pareceu o habitante de um mundo novo e muito mais cruel... as feições impassíveis sob a borda do capacete de aço e a voz monótona acompanhada pelo barulho da batalha tornavam uma impressão fantasmagórica em nós. Alguns dias colocaram sua marca no corredor, que deveria nos escotar até o reino das chamas, colocando-o inexprimivelmente à parte de nós. Se um homem cair, ele é deixado para trás. Ninguém pode ajudar. Ninguém sabe se ele vai voltar vivo. Todos os dias somos atacados, mas eles não vão passar. Todos sabem que isso é sobre vida e morte. Nada foi deixado nesta voz, exceto equanimidade, apatia; o fogo havia queimado todo o resto. É de homens assim que você precisa para lutar”.

²⁹ Tradução nossa: “De vez em quando, à luz de um sinalizador, eu via capacetes de aço lado a lado, lâmina por lâmina, e era dominado por uma sensação de invulnerabilidade. Podemos ser esmagados, mas certamente não poderíamos ser conquistados”.

quase sempre neutro. Nessas obras, indivíduo e metal se fundiam de forma irreversível, tornando-se ambas as partes imprescindíveis ao Novo Homem. Para Jünger, verdadeiros heróis, esses homens se resumiam no soldado da infantaria, capaz de suportar “*the thunderstorm of the battle when death galloped as a red knight with flames hooves through billowing mists*”. *They were overcomers of fear; Rarely did salvation come to them, [...] That was the German infantryman during the war. No matter what he fought for, his fight was superhuman.*” (JÜNGER, 1922. p.1-2)³⁰.

Figura 1: *UND DU?*



Fonte: Ludwig Hohlwein, Herm. Sonntag Co., Munich, 1929. Disponível em:
<http://galleria.thule-italia.com/ludwig-hohlwein/?lang=de>

No cartaz acima, o questionamento “e você?” direcionava-se aos veteranos que pululavam na sociedade alemã, incitando-os à mobilização. A escolha do pronome de tratamento “*Du*” não pode ser vista de forma leviana, sendo peça central do cartaz, ao tentar remeter o público alvo à própria ideia da camaradagem. Em Jünger, o emprego do termo entre os soldados é visto como um dos elementos capazes de acalmar os homens em momentos de tensão: *Even to be welcomed in the intimate ‘Du’ form in that pithy and guttural language puts one right at ease* (JÜNGER, 2004, p. 194)³¹.

Ainda na construção de uma masculinidade hegemônica, Jünger ressalta a ideia de que o “guerreiro moderno”, além de possuir todos os predicados até aqui apresentados, também mostrava seu valor e compostura na execução de suas tarefas, mesmo sob constante artilharia. Para ele, este homem *even in the densest bombardment, can hit on a path that offers at least*

³⁰ Tradução nossa: “a tempestade da batalha quando a morte galopava como um cavaleiro vermelho com cascos em chamas através de névoas ondulantes”. Eles foram vencedores do medo; Raramente a salvação vinha para eles, [...] Esse era o soldado de infantaria alemão durante a guerra. Não importa pelo que ele lutou, sua luta foi sobre-humana”.

³¹ Tradução nossa: “Até mesmo ser recebido na forma íntima de “Du” nessa linguagem concisa e guttural deixa a pessoa à vontade”.

reasonable odds of getting through (JÜNGER, 2004, p.193)³², assemelhando-se, em muitos momentos a uma máquina: *under his steel helmet, loading and firing like a machine*³³ (JÜNGER, 2004, p.283). Entretanto, em *Tempestades de Aço*, ainda não existe a ideia de uma submissão total do homem ao metal, visto a ênfase dada por Jünger à ideia de que em momentos decisivos da *Materialschlacht*, o trabalho *had been done by no more than a few handfuls of men*³⁴ (JÜNGER, 2004, p.174).

Seguindo a linha da masculinidade hegemônica e sua relação com o outro feminino em nossa análise, surge a problemática gerada pela quase inexistência de figuras femininas nas descrições de Jünger. Quando mobilizadas, estas são representadas com algumas características que se opõem às descrições da masculinidade feitas pelo autor, como nos parece ocorrer no trecho anteriormente mobilizado onde as meninas significam a suposta inocência de um mundo anterior àquele vivido por Jünger nas trincheiras. Nos parece que a posição que o autor define para o feminino, pelo menos na questão específica da narrativa da obra, encontra-se no seguinte trecho: *I went down into the cellar, where women were huddled trembling in a corner, and switched on my torch to settle the nerves of the little girl, who had been screaming ever since an explosion had knocked out the light. Here was proof again of man's need for home* (JÜNGER, 2004, p.194)³⁵. Em certo sentido, Jünger entende a ação dessas mulheres a partir da condição da “histeria”, um diagnóstico direcionado às mulheres a partir do século XIX, mas que pululava pelo meio bélico durante a guerra³⁶. Aqui, Jünger mobiliza noções de fraqueza, ineficiência e vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que concebe a figura masculina como aquela capaz de conceder ordem ao caos imobilizador da guerra.

Parece haver certa ambiguidade na obra ao se definir quem seria, então, a figura cuja masculinidade mostrava-se hegemônica. Se acima, ela se centra no próprio autor, não se pode dizer o mesmo em outras passagens. Ao falar mais uma vez da figura do Tenente Brecht, agora relatando sua morte, Jünger ressalta:

He was one of the few who, even in this war of matériel, always had a particular aura of calm about him, and whom we supposed to be invulnerable. It's always ease to spot people like that in a crowd of others – they were the ones who laughed when there were orders to

³² Tradução nossa: “mesmo no bombardeio mais denso, pode achar um caminho que oferece pelo menos chances razoáveis de passar”.

³³ Tradução nossa: “sob seu capacete de aço, carregando e disparando como uma máquina”.

³⁴ Tradução nossa: “tinha sido feito por não mais do que alguns poucos homens”.

³⁵ Tradução nossa: “Desci para o porão, onde as mulheres estavam amontoadas tremendo em um canto, e liguei minha lanterna para acalmar os nervos da menina, que gritava desde que uma explosão havia apagado a luz. Aqui estava a prova novamente da necessidade do homem para um lar”.

³⁶ O diagnóstico de “histeria” era comum nos atendimentos psiquiátricos alemães aos soldados acometidos pela *kriegsneurosen*. A intenção dos psiquiatras era de que o Estado não precisasse de pagar indenização a estes homens, visto que a histeria seria uma condição prévia a guerra, e não uma doença causada por ela. Para mais ver LERNER, Paul. *Psychiatry and casualties of war in Germany, 1914-1918*. *Journal of Contemporary History*, London, v.35, n. 1, p.13-28. Jan., 2000.

attack. Hearing of such man's death inexorably led to thoughts of my own morality (JÜNGER, 2004, p.197)³⁷.

Se mais uma vez o autor demonstra as características ideais do soldado, como a calma e a ideia de invulnerabilidade frente à guerra moderna, a morte de Brecht o leva a um questionamento, não sobre a validade dos valores mobilizados, mas sobre sua própria condição moral em relação ao conflito.

Tampouco podemos dizer que Jünger conforma a todo o momento as características por ele mesmo dispostas em sua narrativa. Em certos momentos, é possível identificar a ocorrência de reações traumáticas do autor aos eventos da guerra, fossem elas mais “leves”, como no trecho: *“I notice that the experience had taken its toll on my nerves, when I was lying on my pallet in my dugout with teeth chattering, and quite unable to sleep”* (JÜNGER, 2004, p.88)³⁸. Ou mesmo reações mais severas, como no trecho onde a trincheira de Jünger é atingida de forma direta por um obus:

Simultaneously, a grisly chorus of pain and cries for help went up. The rolling motion of the dark mass in the bottom of the smoking and glowing cauldron, like a hellish vision, for an instant tore open the extreme abyss of terror. After a moment of paralysis, of rigid shock, I leaped up, and like all the others, raced blindly into the night (JÜNGER, 2004, p. 225)³⁹.

A presença de trechos semelhantes na obra, ainda que mais comuns na segunda metade, nos leva a questionar mais uma vez o entendimento de que Jünger teria uma visão puramente positiva do conflito. Em certo sentido, seu aparecimento pode nos mostrar a dificuldade dos indivíduos em inserir esses eventos em suas experiências. O trecho também demonstra como Jünger busca as referências românticas alemães, construindo uma cena de perturbação e terror, para tentar dar sentido a um evento moderno.

Para Krimmer, a pura mobilização de tradições literárias oitocentistas, onde a narrativa teleológica busca a ordem e a estabilidade, são incapazes de fornecer o sentido necessário aos sujeitos da guerra (KRIMMER, 2010, p.68). Não à toa, em Jünger, a narrativa não possui começo, meio ou fim. Também não há qualquer arco ou crescimento pessoal, se não a repetição constante de batalhas. Segundo Elish Bures, a linguagem pré-guerra possuía certo nível de inabilidade em descrever o novo mundo, o que tornava possível a busca por novas formas de fazê-lo (BURES, 2020, p.10). A necessidade de uma resposta ao caráter inefável da modernidade, reflete-se, em *Tempestades de Aço*, em uma sobreposição das influências

³⁷ Tradução nossa: “Ele foi um dos poucos que, mesmo nesta guerra de materiais, sempre teve uma aura particular de calma sobre ele, e a quem supúnhamos ser invulnerável. É sempre fácil identificar pessoas assim na multidão - eram elas que riam quando haviam ordens para atacar. Ouvir sobre a morte de tal homem levou inexoravelmente a pensamentos sobre minha própria moralidade”.

³⁸ Tradução nossa: “Percebi que a experiência tinha causado danos aos meus nervos, quando eu estava deitado em meu pálete em meu abrigo com os dentes batendo e sem conseguir dormir”.

³⁹ “Tradução nossa: Simultaneamente, um coro terrível de dor e gritos de socorro começou. O movimento ondulante da massa escura no fundo do caldeirão fumegante e brilhante, como uma visão infernal, por um instante abriu o abismo extremo do terror. Depois de um momento de paralisia, de choque rígido, pulei e, como todos os outros, corri cegamente na noite”.

românticas e das experiências de guerra de Jünger. Estas, somadas às pressões da vida pós-guerra, eram também veiculadas na representação da masculinidade.

Considerações finais

O que buscamos demonstrar neste trabalho é como essa espécie de incongruência narrativa em Jünger, surgida a partir dos eventos da Guerra, mostra-se também na representação da masculinidade a partir de suas caracterizações em *Tempestades de Aço*. Como uma série de autores argumenta, a visão do homem como máquina desenvolve-se em Jünger de forma mais extensa a partir de outras obras, como *Der Kampf als Inneres Erlebnis* (1922), *Sturm* (1923), *Feuer und Blut* (1925), entre outros, sendo seu auge talvez encontrado em *Der Arbeiter. Herrschaft und Gestalt* (1932). Não obstante, acreditamos ser na obra aqui abordada que a dicotomia nas caracterizações se apresentam de forma mais efetiva. Para Huyssen, é justamente esse retorno obsessivo à experiência material da guerra, reescrita diversas vezes, em um constante processo de estetização, e a falta de uma *Gestaltwandel* (mudança de forma) que marca essa primeira fase da obra de Jünger (HUYSSSEN, 1993, p.4).

Narrativas como a aqui abordada podem ser entendidas como atos que são, por natureza, mais constitutivos do que propriamente descritivos. Estabelecem as condições em que são produzidos, mais do que as descrevem (WINTER, 2017, p.173). Nesse sentido, seguimos a ideia de Levsen (2008, p.148) de que não é essencialmente a experiência das trincheiras que, primeiramente, explicaria as mudanças e continuidades da representação da masculinidade nos anos do Pós-Guerra, mas sim as consequências sociais e políticas da derrota e da vitória.

Como Jason Crouthamel argumenta, o entendimento da guerra como uma “escola para masculinidade” levava organizações civis, bem como de líderes militares alemães, a tentar controlar e reforçar imagens dominantes de homens disciplinados e dispostos ao sacrifício em nome da nação (CROUTHAMEL, 2014 p.52). Em Weimar, a continuidade desse movimento em torno da masculinidade pode estar ligada ao que Weitz entende como um questionamento incansável do que significava viver em tempos modernos, ou seja, uma busca por novas formas de expressar a cacofonia da modernidade (WEITZ, 2018, p.253). A sobreposição de linguagens e abordagens – reconhecida até mesmo por Winter –, que buscamos demonstrar aqui, deixava turva a fronteira entre o “novo” e o “antigo” (WINTER, 1995, p.3), tornando-se um sintoma de um momento em que, ainda que se buscasse projetar novas possibilidades de futuro, reconhecia-se igualmente a necessidade de lidar com as feridas do passado.

Referências bibliográficas

Lista de figuras

Figura 1: HOHLWEIN, Ludwig. **UND DU?**. Munique: Herm. Sonntag Co., 1929. Disponível em:
< <http://galleria.thule-italia.com/ludwig-hohlwein/?lang=de>>

Fontes

JÜNGER, Ernst. In **Stahlgewittern**: Aus dem Tagebuch eines Stoßtruppführers. Berlin: E.S. Mittler, 1922.

_____. **The Storm of Steel**: from the diary of a german storm-troop officer on the Western Front. New York: Howard Fertig, 1996.

_____. **Storm of Steel**. London: Penguin, 2004.

Bibliografia

ACKERMAN, Charles B. **Writing as a »Continuation of War by Other Means«: Ernst Jünger in Weimar Germany**. Tese (Doutorado em German Literature and Critical Thought) Northwestern University, Evanston, 2017.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. e BECKER, Anette. **14-18: Understanding the Great War**. New York: Hill and Wang, 2002.

_____. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In CORBIN, Alain (Org.) **História da Virilidade: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 239-268.

BESSEL, Richard. **Germany after the First World War**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

BOURKE, Joanna. **An Intimate History of Killing: face to face killing in 20th Century Warfare**. New York: Basic Books, 1999.

BURES, Elisha. "The Ineffable Conservative Revolution: The Crisis of Language as a Motive for Weimar's Radical Right." **Modern Intellectual History**, p. 1–25, 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Alges: Difel, 1998.

CHICKERING, Roger.e STIG, Förster (Org) **The Shadows of Total War: Europe, East Asia and the United States, 1919-1939**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

COELHO, Victor de O.P., Ernst Jünger e o demônio da técnica: modernidade e reacionarismo. **Topoi** v.18, n.35, p.246-273, 2017.

CORREIA, Silvia. **Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

CONNELL, Raewyn W. e MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1, janeiro-abril. p. 241-282, 2013.

CROUTHAMEL, Jason. **Love in the Trenches: German Soldiers' Conceptions of Sexual Deviance and Hegemonic Masculinity in the First World War**. In HÄMMERLE, Christa, ÜBEREGGER, O., BADER-ZAAR, B. (Org.) **Gender and the First World War**. London: Palgrave Macmillan, 2014. Cap. 4, p. 52-71.

DONSON, Andrew. Models for Young Nationalists and Militarists: German Youth Literature in the First World War. **German Studies Review**, v.27, n.3, Out. 2004. p. 579-598.

DUARTE, António Paulo. A Visão da “Guerra Total” no Pensamento Militar. **Nação e Defesa**, n.112, 3.ª Série (2005): 33-50.

EKSTEINS, Modris. All Quiet on the Western Front and the fate of a War. **Journal of Contemporary History**. Londres, v.15, 1980. p. 345-366

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FUNCK, Marcus. **Ready for War? Conceptions of Military Manliness in the Prusso-German Officer Corps before the First World War** In HAGEMANN, Karen e SCHÜLER-SPRINGORUM, Stefanie (Org.) *Home/Front: The Military, War and Gender in Twentieth-Century Germany*. Oxford: Berg, 2002. Cap. 1, p. 43-67

FUSSELL, Paul. **The Great War and modern memory**. Nova York: Oxford University Press, 2013.

GERWARTH, R. e HORNE, J. *War in Peace: Paramilitary Violence in Europe after the Great War*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HERF, Jeffrey. **Reactionary Modernism: Technology, culture, and politics in Weimar and the Third Reich**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HÜPPAUF, Bernd. Langemarck, Verdun and the Myth of a *New Man* in Germany after the First World War, **War & Society**, v.6, n.2, 70-103, 1988

_____ Literature (Germany), in: **1914-1918-online. International Encyclopedia of the First World War**, ed. by Ute Daniel, Peter Gatrell, Oliver Janz, Heather Jones, Jennifer Keene, Alan Kramer, and Bill Nasson, issued by Freie Universität Berlin, Berlin 2014-10-08. DOI: [10.15463/ie1418.10391](https://doi.org/10.15463/ie1418.10391).

HUYSSSEN, Andreas. Fortifying the Heart – Totally Ernst Jünger’s Armored Texts. **New German Critique**, n. 59, p.2-23, 1993.

KAES, Anton. **Shell Shock Cinema: Weimar Culture and the Wounds of War**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

KOHNS, Oliver. An aesthetic of the unberable: the cult of masculinity and the sublime in Ernst Jünger’s “Der Kampf als inneres Erlebnis”. **Image & Narrative**. v. 14, n. 3. p.141-150. 2013.

KRIMMER, Elisabeth. **The representation of War in German Literature: from 1800 to the presente**. New York: Cambridge University Press, 2010.

LERNER, Paul. Psychiatry and casualties of war in Germany, 1914-1918. **Journal of Contemporary History**, London, v.35, n. 1, p.13-28. Jan., 2000.

LEVSEN, Sonja. Constructing Elite Identities: University Students, Military Masculinity and the Consequences of the Great War in Britain and Germany, **Past & Present**, v.198, n.1, February, p.147–183, 2008.

MOSSE, George L. **Fallen Soldiers: reshaping the memory of the world wars**. New York: Oxford University Press, 1990.

_____ **The image of man: the creation of modern masculinity**. New York: Oxford University, 1996.

_____ **The crisis of german ideology**, New York: Schocken Books, 1964.

NAGEL, Joane. Masculinity and nationalism: gender and sexuality in the making of nations. **Ethnic and Racial Studies**, London, v. 21, n. 2, p. 242-269.

NATTER, Wolfgang G. **Literature at War, 1914-1940: Representing the "Time of Greatness" in Germany**. New Haven: Yale University Press, 1999.

PRICKET, David James. The Soldier Figure in Discourses on Masculinity in Wilhelmine and Weimar Germany. **Seminar: A Journal of Germanic Studies** v.44, n.1, Fev., p. 68-86. 2008.

STRUVE, Walter. **Elites against Democracy: Leadership Ideals in Bourgeois Political Thought in Germany, 1890-1933**. Princeton: Princeton University Press, 1973.

THIESSEN, Anne-Marie. **A criação das Identidades Nacionais**. Lisboa: Temas & Debates, 2000.

TOSH, John. What Should Historians do with Masculinity? Reflections on Nineteenth-century Britain, **History Workshop Journal**, v. 38, n.1, p. 179–202, 1994.

WEITZ, Eric. **Weimar Germany: promise and tragedy**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

WINTER, Jay. **Sites of Memory, sites of Mourning: The Great War in European cultural history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. **War beyond Words: Languages of Remembrance from the Great War to the Present**. New York: Cambridge University Press, 2017.

_____. PROST, Antoine. **The Great War in History: Debates and Controversies, 1914 to the Present**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WOODS, Roger. **The Conservative Republic in the Weimar Republic**. London: Palgrave Macmillan, 1996.

_____. **Ernst Jünger, the New Nationalists and the Memory of the First World War**. In LEYDECKER, Karl. **German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics**. Rochester: Camden House, 2006. Cap. 6, p. 125-140.

Artigo recebido em 16/07/2020 e
aprovado para publicação em 20/02/2021